

Cariello atesta caos da rede

Jornal de Brasília • 11

Chico das Neves

hospitar

Edson Gêr

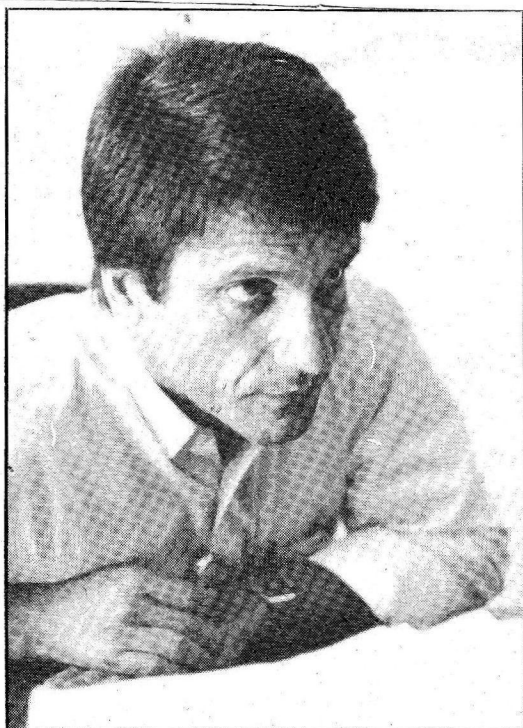
“A rede hospitalar de Brasília terá que fechar dentro de no máximo dois anos, se não for completamente reestruturada”. A afirmação é do diretor do Hospital de Base de Brasília, Maurício Cariello, para quem a Fundação Hospitalar já está falida, embora ainda seja possível “administrar o caos”. Faltam médicos e outros profissionais, em decorrência dos baixos salários, os recursos do Inamps para compra de material de consumo e manutenção de equipamentos são insuficientes e a qualidade do serviço coloca as instituições em descrédito perante a população, sobretudo a de média renda, que depende delas mas é exigente, afirmou Cariello.

O “processo degenerativo” que atravessa a rede pública de saúde no DF, como definiu o próprio diretor do HBB, já foi apresentado, por ele, a Reynold Stephani, ex-superintendente do Inamps e responsável pela elaboração do programa do presidente eleito, Fernando Collor de Mello, nesta área.

Caos

No HBB, há menos de 4% dos lençóis necessários para atender à demanda. Eles são lavados várias vezes ao dia, o que implica em maior desgaste do tecido. Mesmo depois de rasgados, continuam sendo utilizados, explicou o diretor. A falta de pessoal já foi suficiente para decretar a falência de unidades de anestesia, radiologia, neurologia e cirurgia pediátrica. De acordo com Cariello, o Uruguaia dispõe de 160 neurologistas para uma população de três milhões, enquanto os dois milhões de brasilienses são assistidos por somente 14 especialistas nesta área.

Cariello citou ainda outros retratos do caos. O hospital que administra, embora seja responsável pelo atendimento de pacientes em estado grave, dispõe de somente seis aparelhos de tomografia computadorizada, todos com tecnologia ultrapassada. Eles são utilizados para importantes exames neurológicos. Na área de medicamentos, a situação não é melhor. A farmácia central da Fundação Hospitalar



O diretor do HBB constata que não há como manter a rede pública hospitalar em funcionamento, diante de tantas carências

tem atualmente uma carência de 60% dos medicamentos básicos indispensáveis. Ainda no Hospital de Base não há atualmente nenhum contrato com firmas especializadas em manutenção de equipamentos médicos, por falta de recursos.

Reforma

Somente um fator parece deixar Maurício Cariello satisfeito em relação ao hospital que dirige. O novo pronto-socorro, em reforma há pouco mais de um ano, deverá ser inaugurado dentro de um mês, pelo governador Joaquim Roriz. De acordo com Cariello, “é uma obra excelente, com material de primeira necessidade, que será perfeitamente adequada para um hospital de atendimento terciário”. O governador não poderá, entretanto, satisfazer o seu desejo de inaugurá-lo em funcionamento, pois faltarão materiais necessários, como mobiliário e aparelhos médicos.

Inamps e pacientes podem ajudar

O diretor do Hospital de Base de Brasília, Maurício Cariello, apontou ontem três importantes medidas para retirar o sistema público de saúde da crise em que se encontra, mergulhado. Mais recursos do Inamps, que hoje repassa verba equivalente à metade da contribuição previdenciária paga pela Fundação Hospitalar; salários compatíveis aos da rede privada em outros estados e reformulação da rede, com oferecimento de apartamentos pagos por pacientes de melhor padrão aquisitivo, para atender satisfatoriamente as camadas de média e alta renda.

Cariello lembrou que em Brasília a rede pública é responsável pelo atendimento de 90% da população, enquanto nos outros estados,

só 10% utilizam o serviço público hospitalar, já que os hospitais privados têm convênios com o Inamps. Esta inversão associada ao elevado custo de vida de Brasília, exige que a Fundação Hospitalar pague salários até cinco vezes superior aos oferecidos hoje, que não conseguem atrair profissionais de outros Estados.

Manutenção

Ele defende ainda que o Inamps repasse à rede local o volume de recursos necessários para cobrir todas as despesas com material de consumo, uso prolongado e contratação de firmas para a manutenção de equipamentos médicos. Hoje, o Inamps repassa uma quantia insuficiente para a garantia de um serviço razoável.

Os médicos e paramédicos estão hoje desgastados e cansados, devido às péssimas condições de trabalho e os baixos salários, lamenta Cariello. O sistema que ele gostaria de ver implantado prevê a remuneração por produtividade. Um médico que trabalhar mais de 10 horas por dia terá um salário em torno de NCz\$ 100 mil.

Por fim, o diretor do Hospital de Base defende que os apartamentos disponíveis na rede, hoje utilizados para internação gratuita de autoridades, sejam abertos aos pacientes que se dispuserem a pagar uma taxa por este privilégio. “Estes pacientes são mais exigentes em relação ao serviço de enfermagem e impulsionarão melhorias”, prevê Maurício Cariello.